

“Ciro é o ippon. Itamar, o retrovisor”

Leitor – Se o senhor tivesse autorização para se candidatar novamente, iria concorrer mais uma vez à reeleição?

FHC – Não. Eu não me candidatei à reeleição por uma questão pessoal. Foi para continuar um projeto. Tenho convicções. Acredito no que faço. Em 1998 era mais confortável não ser candidato, mas também era óbvio que o projeto precisava de mim. Mas não se pode pensar em mais de dois mandatos. O povo cansa de você e você cansa das funções. *Fui favorável à reeleição já em 1993.*

Quando cortaram o mandato presidencial de cinco anos para quatro anos, queria a reeleição. Não fizeram a reeleição por causa de Lula. Fui contra, mas não deixaram passar.

Associados – De um tempo para cá o senhor tem eleogiado bastante o Lula, o PT, as propostas do PT. Até disse que não haverá debandada do país com uma eventual vitória petista. O que há?

FHC – Eles estão tentando se aproximar de nossos projetos. E eu tenho dito: se for assim, é melhor ficar com o original (risos). Uma coisa é o Lula, outra coisa é o PT. Eu sempre falei do Lula de forma respeitosa e traindo um certo carinho, respeito. Mas sou presidente da República e

não posso usar minha posição institucional para criar o terror do tipo “se vier o PT, será o fim”. Não será. Não sou político de tiradas individuais e... *ippons...* do tipo: “com um tiro resolvo tudo”. Eu tenho uma visão da História, uma visão do Brasil, eu trabalho por ela. Sou uma pessoa de convicções. Dizem que fiz aliança à direita. Coisa nenhuma! Tenho um programa e o sigo. Não posso criar o clima contra ninguém.

Reginaldo de Castro,
58 anos, advogado,
ex-presidente
nacional da Ordem
dos Advogados do
Brasil – Lago Sul

Até porque, vai ganhar o candidato que seguir a minha proposta, a minha linha. Vou lutar por esse nome. Mas se ganhar outra linha, não vou espernear. Serei oposição institucional.

Associados – O PT já foi mais atrasado do que é hoje?

FHC – O PT está procurando – eu não gosto de dizer isso porque eles ficam nervosos depois, vão me atacar – mas o PT começa a entrar nos temas que existem. Isso não era natural no passado. O diagnóstico deles, porém, está errado.

Associados – Então, para o senhor, o PT amadureceu e pode ser governo?

FHC – É, mas o diagnóstico dos problemas está errado. Todas as propostas deles são inviáveis para o mundo de hoje. Vão tentar implementá-las se chegarem a vencer. Depois, corrigem. Ainda tem, também, um corporativismo

muito forte no PT. A base do partido tem essa visão corporativa dos sindicatos, dos funcionários públicos. Não pode. Um ou outro ideólogo petista até tem visão diferente, mas na base se pensa diferente deles.

Associados – Num hipotético segundo turno entre Lula e Itamar Franco, em quem o senhor votaria?

FHC – (Risos) Isso não vai acontecer. O segundo turno será Itamar ou Lula contra o nosso candidato (risos). Nessa eu não caio.

Associados – Então vamos inverter a pergunta: qual o desastre menor, Itamar ou Lula?
FHC – (Ainda rindo) Eu não me fixo nas pessoas, e sim nos grupos, que as apóia.

Associados – E qual a análise sobre as forças que estão com o Itamar e com o Lula?

FHC – Eu acho que a visão das forças que apóiam o Lula é, digamos, mais coerente. São forças que nasceram na luta democrática, na luta contra a ditadura, no momento de construção da sociedade civil. Portanto, são forças mais afinadas com o tempo atual. E as forças que

apóiam o Itamar são mais o retrovisor – para trás.

Associados – Mas, presidente, as forças que apóiam o Itamar estão dentro do governo do senhor.
FHC – Não, não estão.

Associados – O senador Renan Calheiros, líder do PMDB, já deu entrevistas apoiando o Itamar...

FHC – Todos os partidos têm o para cá e o para lá.

Associados – E o Itamar?

FHC – Itamar é o ippon.

Associados – Itamar é igual ao Collor?

FHC – Itamar é ippon. Ele diz: “eu resolvo, eu dou um golpe só, eu faço tudo.” Quem está com ele? Quais forças o apóiam?

Associados – O Roberto Freire.

FHC – Eu gosto do Freire.

Associados – O Real foi o mito que serviu para fazê-lo presidente e reelegê-lo. Para se ganhar uma eleição, como o senhor mesmo admitiu uma vez, é preciso construir um mito. Que mito o senhor identifica, agora, capaz de ajudar a eleger um nome com o seu apoio?

FHC – Nós fizemos o mito da estabilidade. O Real. Não foi só a estabilidade econômica, mas também a estabilidade de vida. Agora, o que as pessoas querem é melhorar a condição social. Querem a mobilidade. O povo sabe mais do que a gente pensa. Precisamos ouvir aquilo que dizem que eu disse e eu não disse: a voz rouca das ruas. Sempre fiz isso. Mas um bom candidato não pode ser pura racionalidade – tem de ter uma pitada candomblé (risos). Para dar progresso tem de ter estabilidade. Se você for sincero, se você for crível, acho muito difícil que a população vá para o ippon.

Associados – Mais do que preocupado com a vitória de seu candidato, o senhor parece preocupado com a derrota de Itamar e Lula. É isso?

FHC – Eu não sou desse tipo. Não ganho nada sendo do contra. Serei a favor de meu candidato, que ainda não foi definido. Nunca falei mal do Itamar – ele é que não se comporta assim.

